



VOZ DA FATIMA

[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — Dr. Manuel Marques dos Santos
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.Administrador: — Padre Manuel Pereira da Silva
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRONICA da FÁTIMA

(13 DE MAIO)

FATIMA, POLO MAGNETICO DAS ALMAS

A grande romagem de Maio — O trono das graças de Maria. — O primeiro decenio após as aparições. — Fátima, estancia de mistérios e de prodigios.

Mais uma vez no planalto sagrado de Fátima, se desenrolou um dos espectaculos mais grandiosos e mais belos que a olhos humanos é dado contemplar sobre a terra.

Durante tres dias e tres noites consecutivas as multidões acorreram de todos os pontos de Portugal, em devota romagem, ao santuario das aparições, impulsionadas por uma fé viva e por uma piedade ardente e acrisolada.

Ali, erguida na sua imagem veneranda sobre um pedestal de gloria, a augusta Virgem do Rosario, semelhante a uma visão radiosa do Paraiso, recebe as homenagens de seus filhos, que a aclamam como sua padroeira e lhe dirigem supplicas estuantes de confiança e de amor.

Centenas de milhar de fieis lá vão cada ano depositar a seus pés virginaes um tributo espontaneo de saudações e de lágrimas, de flôres e de lumes, de esperanças e de acções de graças.

Incessantemente, pessoas de todas as condições sociaes, arrastam os joelhos pelas pedras duras da Cova da Iria, em torno do padrão comemorativo dos successos maravilhosos, cumprindo votos e promessas feitas em horas negras de cruciante angustia.

De perto e de longe, mesmo dos confins de Portugal, voam até aos pés da Mãe de Deus tantas almas sedentas de consolação, tantos corações ulcerados pela dor.

Naquella região de mysterios e de prodigios, que a Rainha do Ceu escolheu para seu trono de graças, ha balsamo para todas as maguas, lenitivo para todos os sofrimentos, resignação e conforto para todas as desditas! E, por isso Fátima é, e continuará sempre a ser, o polo magnetico das almas, o centro de atracção dos corações, que uma força sobrenatural, poderosa e irresistivel, arrasta suavemente para aqueles plainos escavados e desertos, onde apenas vegetam a urze e a azinheira.

E agora, dez anos depois da primeira aparição, novamente as multidões se precipitam, em torrentes caudalosas, no vasto recinto murado da Cova da Iria, teatro das scenas, ao mesmo tempo mais



Um trecho da peregrinação de 13 de Maio. — Procissão final da Imagem de Nossa Senhora para a capelinha das aparições

assombrosas e mais comoventes, de que ha memoria desde os tempos biblicos.

O recinto das aparições — A procissão das velas — A apoteose da Virgem — Um lago e um rio de luz — Assombroso espectáculo de fé e piedade — A vela de armas.

No dia dez chegam a Fátima os primeiros peregrinos. Desde esse dia até á manhã do dia treze a romagem cresce descomunalmente de hora para hora. Na vespera á tarde o vasto anfiteatro da Cova da Iria está cheio de fieis.

A's vinte e duas horas começa a organizar-se a procissão das velas. O aspecto do local transforma-se como que por encanto, mercê dos milhares de luzes acesas de repente pelos peregrinos que se preparam para tomar parte no imponente e feerico cortejo em honra da Virgem.

Dir-se-ia um imenso lago de fogo, cheio de ondas encapeladas que vai formando um rio de luz, manso e tranquilo, que, partindo da Capelinha das aparições, serpenteia em torno dos santuarios, sobe á estrada e, passando sob o arco de triumpho, desce pela Avenida Central para se ir concentrar junto da es-

ta de Cova da Iria está cheio de fieis. acentos ecoam nos montes vizinhos, repercutindo-se de quebrada em quebrada até se perderem ao longe. Extinctos os ultimos ecos do *Credo*, parte da multidão dispersa-se na melhor ordem, indo formar os seus acampamentos para a vigilia nocturna.

Pequenas, mas inumeras fogueiras de velas, iluminam o recinto e aquecem o chão, que ainda se conservava humido devido ás fortes bategas de agua que tinham caído durante o dia.

E pela noite adiante nem uma nota profana naquele ambiente de intensa piedade, ouvindo-se apenas o brando ciciar das preces dos peregrinos que velam junto dos companheiros profundamente ador-

tatua da Virgem, donde duas horas antes tinha surgido.

Os milhares de fieis que tomam parte no cortejo, a multidão inumeravel dos que assistem á sua passagem, as preces e os canticos que brotam de labios trémulos de comoção, a fé viva e a piedade estreme daquela imensa mole de pessoas de todas as classes sociaes e de todos os pontos do país, tudo isto constitue um espectáculo assombroso, que simultaneamente comove e encanta, elevando as nossas almas, num suave arroubo místico, para regiões inacessiveis ás agitações e misérias deste mundo.

A' meia noite termina a apoteose á Virgem com o canto do *Credo*, a magnifica profissão de fé dos Apostolos, cujos

mecidos num sono reparador das forças gastas em tão longa e penosa viagem.

A missa dos servitas — A Comunhão dos Servitas e dos escoteiros — Cerca de Oitenta Missas — Os servitas e os escoteiros — As peregrinações com os seus estandartes — A fonte da agua miraculosa — Uma scena emocionante.

A's três horas da manhã os sacerdotes préviamente inscriptos no respectivo registo começam a celebrar a santa mis-

sa nos tres altares da Capela nova, succedendo-se uns aos outros sem interrupção. A segunda Missa é rezada pelo rev. dr. Marques dos Santos, capelão director dos servitas, que a ela assistem, recebendo das suas mãos o Pão dos Anjos. Entretanto chegam grupos de escoteiros catolicos de Lisboa, de Leiria e de Coimbra, que depois de ouvirem Missa e de comungarem, organisam, juntamente com os servitas e sob a direcção dos seus chefes, o serviço de ordem e de transporte dos enfermos.

A pouco e pouco vão-se reunindo as servas de Nossa Senhora do Rosario, que, envergando batas alvinhentas, dão-se pressa em iniciar a sua piedosa tarefa de assistência aos enfermos. A's sete horas uma chuva miudinha e impertinente principia a cair, molhando tudo e todos, sem conseguir porém que os peregrinos desistam de ficar para as cerimoniaes officiais da peregrinação.

Sucessivamente, de espaço a espaço, transpõem o arco de triunfo e descem pela Avenida Central longas e numerosas peregrinações precedidas dos seus parcos, confrariás e estandartes.

Junto de nós, rezando o terço ou entoando canticos desfilam processionalmente, entre outras, as peregrinações do Beato (180 pessoas) de Belas, Nazareth, Coruche (150 pessoas), Ancião, (100 pessoas) Filhas de Maria de Vagos, Pombal, (120 pessoas) Figueiró dos Vinhos, nhos Vila Nova de Foscóã, Martinran-Benedicta, (150 pessoas), Rio de Mofca, Monte Real, Espozende, Viana do Castelo, Soure, Teixoso, Vila do Conde e Braga.

São lindos e vistosos os estandartes, alguns dos quaes representam a scena incomparavel da aparição da Virgem aos pastorinhos. Os canticos comovem pelo sentimento que a letra e a musica traduzem e pela expressão de fé e piedade com que são executados.

Alcumas peregrinações, como a de Pombal e a de Figueiró dos Vinhos, fizeram o percurso a pé! Os peregrinos desta ultima passaram a noite em adoração ao Santissimo exposto na igreja parochial de Fatima, onde assistiram á Missa e receberam a Sagrada Comunhão.

São quasi nove horas. Uma grande multidão aglomera-se em torno da primeira fonte. Numerosos servitas dirigem o serviço de acesso. Filas sem cessar renovadas, de quarenta e cinquenta pessoas, aguardam em frente de cada uma das quinze torneiras a sua vez de beberem ou de encherem os recipientes que trazem consigo.

Fervem as ordens, repetem-se os avisos. E aquela multidão inumeravel, paciente e docil, obedece sem relutancia, cumprindo pontualmente as instruções dos servitas dadas, muitas vezes com energia, mas sempre com caridade.

Subimos á estrada. O espectáculo é unico e indiscriptivel. Vêm-se dezenas de milhares de camions, automoveis, trens e outros veiculos ao longo da estrada e nos terrenos adjacentes, numa extensão de muitos kilometros. Dir-se-ia que toda a população do paiz se tinha transportado naquele dia, a um sinal da sua augusta Padroeira, para junto do seu Santuário predilecto, a Lourdes portugueza.

Por entre a multidão que enxameia na estrada, ouvem-se frequentemente frases que exprimem admiração e assombro, observações e comentarios acerca do numero de peregrinos e da grandiosidade daquele espectáculo de fé e piedade cristã, unico na historia da nossa nacionalidade.

A assistencia é avaliada em trezentas mil pessoas. De repente na Avenida Central depois da passagem de uma das peregrinações, depara-se uma scena simples, mas altamente, emocionante, cuja vista arranca lagrimas de muitos olhos.

Uma mulher de meia idade, rezando em silencio, desce lentamente de joelhos a Avenida. Ao lado, dando-lhe a mão, caminha o marido empunhando uma vela acesa e á frente dois filhos gêmeos de oito anos e uma filha de treze, cada um deles tambem com uma vela na mão. Vieram a pé da Ribeira de Rio de Mofchos, onde residem, cumprir a promessa que tinham feito e agradecer á Santissima Virgem a cura da esposa e mãe, que se encontrava gravemente enferma, em perigo de vida e desenganada da sciencia humana.

O Posto das verificações medicas — Os medicos e os doentes — A resignação e a

confiança dos enfermos — A oração de cem mil pessoas.

Como costuma succeder em treze de maio e em treze de outubro, os doentes são desta vez muito numerosos.

Os servitas transportam em macas os paraliticos e aquêles doentes cujo estado é mais grave, para o Posto das verificações medicas e depois para o respectivo pavilhão. Os enfermos que podem andar reúnem-se em frente do Posto e aguardam a sua vez de serem examinados e de receberem o cartão de ingresso no recinto reservado. Entre os medicos que prestam obsequiosamente os seus serviços vêm-se os drs. Augusto Mendes, Luz Preto, Weiss d'Oliveira, Eurico Lisboa, Pereira Gens, Veloso da Costa, Garcia de Carvalho e Gabriel Ribeiro, que examinam e registam algumas centenas de enfermos, procedentes de todas as regiões do paiz e atacados de toda a especie de enfermidades. Havia doentes de Penela, Lourçal, Mira, Vila Franca de Xira, Cuba, Lisboa, Torres Novas, Constança, Trancoso, Cartaxo, Alcobaça, Louzã, Cantanhede, Porto de Moz, Aldeia Galega, Gavião, Coruche, Tomar, Guarda, Ourém, Figueiró dos Vinhos, Cabeceiras de Basto, Oleiros, Carregal do Sal, Leiria, Castelo Branco, Abrantes, Fundão, Mangualde, Alquebrão, Valverde, Ancião, Sintra, Pedregão, Elvas, Pombal, Crato, Monte-Real, Gouveia, Covilhã, Lourinhã, Gois, Oliveira do Hospital, Nogueira do Cravo, Lourde, Évora, Foz do Arelho, Penacova, Botelha, Albufeira, etc.

A inscrição estava já encerrada ás onze horas por não comportar mais doentes o pavilhão que lhes é destinado em frente da capela das Missas.

No pavilhão, os doentes oram com fervor e esperam resignadamente a hora da ultima missa. Em volta mais de cem mil pessoas juntam as suas preces ás dos enfermos suplicando para eles a cura dos seus males ou a resignação e o conforto de que carecem para os suportarem com meritos para o Céu.

A procissão solene — Representantes de todas as classes — As Confrariás e Irmandades — A revoadá dos lenços, as palmas e os vivas.

E' quasi meio-dia solar. Organisa-se junto da capela das Aparições a procissão do costume, agora muito mais solene e imponente, para conduzir a branca estátua de Nossa Senhora de Fátima para a Capela das Missas.

O cortejo põe-se em marcha. Acompanha-o uma multidão enorme de fiéis de todas as classes e condições sociais. Abrem o cortejo os pendões de varias irmandades e confrariás. Seguem-se as servitas em filas cerradas. Depois a veneranda Imagem conduzida aos hombros dos servitas. Quando a Imagem chega ao Pavilhão, milhares de lenços brancos, semelhando um bando de pombas, são agitados de longe e de perto, ao mesmo tempo que estrogem os vivas e ecoam as palmas e os olhos de todos se marejam de lagrimas de comoção.

O Credo de Lourdes — A Missa dos doentes — O terço do Rosário — Sete mil Comunhões.

Um côro unisono de vozes fortes e afinadas canta o Credo de Dumont. Em seguida o celebrante da missa dos doentes sobe ao altar central e principia o santo Sacrificio. Ao mesmo tempo o rev. capelão-director dos servitas dá inicio á recitação do terço do Rosário, que é rezado alternadamente com o povo. O silencio é profundo e a devoção dos fiéis intensifica-se, á medida que se aproxima o momento augusto da Consagração.

De vez em quando entoa-se um cantico em honra de Jesus-Hostia ou da Santissima Virgem. Quando a Victimá Sacrosanta dos nossos altares é levantada entre o Céu e a terra, toda aquella imensa mole de povo ajoelha no chão, curva-se e adora a Jesus escondido sob as espécies do sacramento do seu amor.

A Comunhão é mais uma vez distribuida aos fiéis. Deviam ter comungado cerca de sete mil pessoas, durante as oitenta missas celebradas desde a madrugada.

A Benção dos doentes — Lagrimas de comoção — Suplicas veementes — A apote-

ose final à Rainha do Céu e da terra — Dia de triunfo e de gloria.

Após a Missa, o celebrante, depois de incensar a Hostia Santa exposta num ostensorio de ouro, pega nele e desce os degraus do Altar para dar principio á benção dos doentes. As servitas, os escoteiros e numerosos sacerdotes acompanham o Santissimo. Os doentes, sentados nos bancos do pavilhão ou deitados nas suas macas, oram com fervor e aguardam confiadamente a hora da cura ou do conforto divino.

Jesus passa fazendo o bem, como outrora, durante a sua vida mortal, nas cidades e vilas da Palestina. Quasi todos os doentes e muitas outras pessoas choram de comoção. A scena que se passa é empolgante e comovedora. Esses pobres farrapos humanos, victimas de um sem numero de misérias físicas — paraliticos, cancerosos, cegos, surdos-mudos, tísicos, leprosos, etc — de mãos postas e olhos fitos na Hostia Santa, imploram numa prece silenciosa mas veemente, um olhar de misericórdia, uma palavra de consolação e de conforto.

As invocações pelos enfermos, instantaneamente repetidas, de momento para momento redobram de intensidade e parecem fazer violencia ao Céu, para que se apiede daquela legião de desgraçados. Depois o Sacerdote sobe ao altar e, cantado o *Tantum-ergo*, dá a benção a toda a multidão ajoelhada a seus pés. Após a benção sobe ao pulpito o rev. do Paulo Durão Alves, que fala sobre a devoção a Nossa Senhora e o cumprimento dos deveres cristãos.

Por ultimo organisa-se de novo a procissão afim de reconduzir a Imagem de Nossa Senhora para a Capela das aparições. Repete-se o espectáculo comovido da primeira procissão e os vivas e as palmas e os canticos e o acenar dos lenços constituem uma verdadeira apoteose á Rainha do Céu e da terra.

Pouco a pouco a multidão dispersa-se e os veiculos conduzem ao seu destino osromeiros, que vão cantando os seus canticos de despedida á Virgem.

Os anais de Fátima, — a Lourdes portugueza, a Jerusalém do Occidente, — registam, em letras de oiro, mais um dia de triunfo e de gloria para a Virgem, mais um espectáculo grandioso e empolgante de fé e piedade cristã, unico nas páginas imortais da história de Portugal.

Visconde de Montello

Flôres da Fátima

Rosas brancas...

Flores de amor e inocencia

Entre as varias ofertas chegadas á Direcção das Obras da Fátima notava-se um sobredito em que mãos de senhora haviam escrito estas palavras singelas.

Para o abrigo dos doentinhos de Nossa Senhora da Fátima oferecido pelas Florinhas do Mar.

Aberto, encontramos dentro a quantia de 13:050 numa quantidade de pequeninas notas até mesmo de meio tostão, quantia resultante das ofertas das Florinhas do Mar da Póvoa de Varzim.

Quem são estas florinhas? Creancinhas desde os 4 e 5 anos recolhidas durante o dia numa obra de preservação e educação.

Flores colhidas pela dedicação e Caridade de algumas almas, de entre a lama das ruas: creanças pobresinhas que de seu mal tem a vida.

Pobres florinhas!

Mas tem coração... Amam a Virgem da Fátima e os seus doentes e com que ternura!

Vêde. Dentro acompanhando a sua oferta liam-se estas palavras.

«Este dinheiro é oferecido a Nossa Senhora da Fátima para ajuda do abrigo dos doentinhos, esmola oferecida pelas Florinhas do Mar, que se privaram de comprar algumas guloseimas, oferecendo estes sacrificios para a ajuda do abrigo dos doentinhos de Nossa Senhora da Fátima...»

Alcumas queriam comprar rebuçados, laranjas, amendoads, etc: lembrando-se dos doentinhos sacrificavam o seu tostão ou 2 conforme recebiam d'alguia esmolinha. Que Nossa Senhora abençoe estes

sacrificios feitos com tanto amor e generosidade.

«Florinhas do Mar»

São as rosas brancas — flores de amor e inocencia — que aquél'outras «florinhas» da risonha praia da Póvoa enviam a ornar o altar da Virgem na Fátima.

Rosas lindas que lhe prendem o olhar e o fazem descer cheio de benções aquelas almitas ainda em botão...

Que exemplo lindo no Mez de Maria! Lindo e util sobretudo para tantos que no caminho e lá na Fátima queriam estar cercados de todas as comodidades.

Aprendamos daqui a espiritualisar e a santificar os nossos sacrificios, as nossas privações e dôres para assim aos pés de Nossa Senhora lá na Fátima, juntarmos ás 1000 naturais outras flores mais lindas — as flores do amor e da inocencia.

Rosas vermelhas...

Flores de dedicação e heroismo

Rosas, brancas, de amor, rosas vermelhas, de sacrificio e dedicação, tudo ali se junta em admiravel conjunto fazendo subir ao trono da Virgem o seu perfume inebriante.

E' sob o alpendre ou pavilhão dos doentes, lá ao cimo junto duma maca.

A doente prostrada descança o corpo sobre a enxerga da maca e a cabeça no seio duma senhora.

Ambas choram; ambas oram cada qual com mais fervor.

Dir-se-hiam irmãs tão irmão é o sentimento que lhes vivifica e faz vibrar o coração.

Que ternura, que piedade, que fervor naquelas almas, naqueles rostos, naqueles lábios.

Só o contempla-las faz bem, afervora, edifica, comove.

Numa resignação na dor; noutra o carinho para o sofrimento: em ambas um quê de espiritual que arrebatá e eleva até mais perto de Nossa Senhora.

Nas mãos do sacerdote passa Jesus abençoando e ao passar com a benção do seu Deus que ela ali adora presente a pobre doentinha recebe o osculo fraternal da senhora que a cuidava.

Não foi a primeira vez que em terras da Fátima os lábios duma servita tocaram o pús duma chaga num acto de profunda humildade e heroica dedicação.

Que o Senhor os premeie!

Seja Ele Bemdito por ter feito desabrochar ali tão encantadoras flores de sacrificio.

Aprendamos daqui a tratar caritativamente os pobres doentinhos que lá vão de perto e de longe a implorar a protecção de Nossa Senhora da Fátima.

Aprendamos a sacrificar-nos por eles como essa servita.

E quando os nossos pés pisarem a terra bemdita da Fátima saibamos cercar com o nosso respeito, veneração e admiração estas almas que assim tão desinteressadamente se entregam, sacrificando-se, ao serviço dos pobres doentes.

J. de A.

FRACO OU HIPOCRITA

Disse-me uma vez certa pessoa:

—Oh! não, não desejaria morrer sem um padre.

—Nesse caso porque os despresa actualmente?

—Então! Que é que queres?... Eram capazes de me escarnecer, bem sabes!...

—Nesse caso, respondi eu, concorda que em face da religião, és um fraco e perante os teus amigos és um hipocrita. E isto é muita cousa para um homem só!

Uma visita que se não deve receber

Talvez isto vos pareça contrario á polidez: mas a prudencia deve ter preferencia sobre a polidez.

Ora ela nos diz, que um certo máu visitante se dá ao prazer de subverter as ideias morais da família, que o recebe.

Não ha outro meio de escapar á sua tiranica ousadia senão po-lo no andar da rua logo que ele se apresente.

Não espereis para lhe fechar a porta na cara, que ele tenha lançado seu mortal veneno na alma de vosso filho ou no coração de vossa filha: seria tarde de mais.

Esse visitante, é o mau jornal ou o mau livro.

Fases do casamento da moda

1.º Côr de rosa

—Com que então vais casar Joaquina?
 —Sim, minha amiga, por todo este mês.
 —E... quem é o noivo?
 —Um belo rapaz, de presença gentil, elegante, simpático e...
 —Desculpa que te interrompa. É virtuoso?
 —Cá para nós: de ir á igreja gosta pouco, nem lhe vão muito ao paladar as cantigas dos padres e muito menos os beatérios: todavia tem um coração d'oiro. Que coração! Eu que o sei... como será carinhoso com sua mulher!
 —Mas julgas tu que é capaz de amar como deve a sua esposa e educar cristãmente os filhos um homem impio?
 —Ora! deixa-te de escrupulosos!
 —Está bem, lá te avenhas.
 —Mudando de conversa... Vem vêr o meu enxoval.
 —Tenho pressa: outro dia.
 —Tenho pena. Ias vêr o vestido de noivado. Como é elegante! As peças de roupa branca são um primor, com bordados e rendas feitas d'uma maneira admirável.
 —Que lindos!
 —Não posso. Joaquina, bem o sinto. Adeus.
 E a amiga, afastando-se ia dizendo consigo:—Que louca rapariga! Como pagará aquele luxo e aqueles primores? Os pais são pobres não estão para despezas desta natureza. Mais tarde se verá...

2.º—Verde e vermelho

—Que bôda é esta de tanto folguedo?
 —A da Joaquina Mendes.
 —Que tal! e que chusma de convidados: Mas o copo d'agua é que hade custar uma dinheirama!
 —E quem o duvida?
 Não quero murmurar mas... como vão pagar essa despeza!
 —Eu sei lá mulher! Ha coisas que, embora requebre a cabeça, não se podem compreender. E porque me dizes que as boas são para a tarde?
 —Perque o sei. Dizem que o marmanjo é pouco afeito a padres e dá-se por satisfeito só com o casamento civil, mas por causa de bem parecer e a instâncias da Joaquina sempre se resolveu a ir á noiteinha á igreja.
 —Mau, mau, mau!... Nunca me agradaram casamentos ao escurecer ou de noite. São sempre bem escuros. Casar, de manhã, depois de bem confessados, porque o negocio é muito serio e não o que parece a algumas malucas.
 —E depois, depois é que vai ser! Bem recheados de comida e bebida, tanto os noivos como os convidados passarão a noite num bailado, em que, como é costume, a decencia é pouco respeitada, e oxalá, que o folguedo não desande em pancadaria, que não raras vezes é o remate da festa.
 —Confesso-te minha amiga, que este mundo está perdido. Que pode esperar-se de casamentos d'estes?

3.º Roxo e preto

—Seu bebado, seu borracho! Isto são horas de vir para casa?
 —Ora deixa-me, anda.
 —Não, não, mil vezes não. Não se lembrar um dia inteiro de sua mulher, não cuidar das suas obrigações, ter perdido ao jogo até ao ultimo real e querer ainda que me cale! Ah! como sou desgraçada!
 —Jo... Jo... Jo... aninha não me tires do meu serio!
 —Isto é um inferno. Os credores não me largam. Todos os desgostos são para mim. Que vergonha! Ainda se não pagou a despeza do copo d'agua do casamento e já lá vão dez meses.
 A costureira não me deixa a porta e com toda a razão. Meu Deus, meu Deus, como fui louca em casar com semelhante perdido.
 —Se... se... te não ca... las, eu bem te aviso, má mulher.
 —Infame! Ainda te atreves a chamar-me má mulher?
 —Ca...la-te, Joana, fecha-me essa boca
 —Calar-me? Não de ouvir-me as pedras.
 —Olha que eu quebro-te as costelas!...
 —A mim?
 —A ti, sim, a ti.

—A mim?
 —A ti.
 Dito e feito; o desalmado furioso atira um murro á cara da mulher, que a deixou a escorrer em sangue.
 Seguem-se bofetadas e pontapés, lagrimas, gritos, desmaios e era uma vez uma mulher se a policia e os visinhos não acudissem oportunamente a pôr termo a tais caricias, levando o bom do marido para o Commissariado.

4.º Negro e escuro

—Para onde vai tão cedo, vizinha?
 —Ao hospicio, minha filha.
 —O que te leva lá a esta hora?
 —Vê:
 —E mostrou-lhe uma creança recém-nascida, rachitica e muito feia.
 —Jesus! De quem é o criio?
 —Da pobre Joaquina, que acaba de dar á luz e está muito mal coitadita!
 —Vai morrer talvez, e o marôto do marido anda a correr mundo. Ha já seis meses que a abandonou sem uma vez sequer perguntar por ela.
 —Ah! que homem tão mau!
 —Isto já era de esperar. Má arvore não podia dar bom fruto.
 —Bom é que o experimentem em cabeça alheia tantas doidarronas que tão facilmente se deixam enganar pelo demónio vestido de homem enamorado.

O Rosario e os homens illustres

A cura miraculosa de um joven de quinze anos que se deu em Roma, o mez passado, durante a recitação do Santo Rosario, afervorou o povo no uso quotidiano de uma devoção, já tanto praticada e recomendada por pessoas as mais illustres dos tempos antigos e modernos.
 E' notavel a devoção pelo Rosario, em S. Francisco Saverio, S. Carlos Borromeu, S. Vicente de Paulo, o grande Bossuet, martir do Equador, o imortal Leão XIII, etc.
 Outros santos, como S. Francisco de Sales, eram obrigados por votos a recitar o Rosario, quotidianamente.
 Quando Daniel O' Connell, o grande libertador da Irlanda, se encontrava a braços com o Parlamento Inglez pela emancipação católica do seu paiz, passava constantemente pelas margens do Tamisa.
 —«Está preparando o discurso para amanhã?» — disse-lhe um dia um amigo.
 —Não; responde O' Connell, mostrando-lhe o rosario. — Levanto as minhas preces á Mãe de Deus, afim de que me ajude no trabalho que empreendi pela causa de Seu Filho.
 O celebre compositor José Hayden, encontrando-se um dia em companhia dum professor de musica, foi por este inquirida a sua opinião, sobre o melhor remedio para revigorar uma mente cansada.
 Hayden, sem affectação, nem respeito humano, respondeu:
 —Depois de haver recitado o Rosario que sempre trago comigo, sinto-me revigorado da alma e de corpo.
 Chevreul, um dos quimicos de mais nomeada de França, seja pelas suas publicações, como pelas descobertas no campo scientifico, não deixou jámais o seu Rosario, de que sempre se utilizava, já nos seus passeios, já nas suas viagens, sendo um dia visto recitando-o na plataforma de uma estação, enquanto aguardava o comboio.

Um caso não acaso

Morte repentina de quem desajava vingar-se

Alguns jornais catolicos brasileiros, entre eles o órgão officioso duma diocese de Minas; narram o seguinte facto, cuja autenticidade garantem:
 «Pessoa de toda a honorabilidade conta-nos o seguinte facto, passado em Guaranesia, diocese de Guaxupé, Estado de Minas:
 O zeloso pároco prégava sempre contra os excessos da moda. Depois de muita luta conseguiu que todas as senhoras e senhoritas do lugar se apresentassem na igreja segundo as regras da modestia cristã.

Um dia, porém, apresenta-se aos actos religiosos uma filha de importante fazendeiro, com vestido imodesto. Advertiu-a o sacerdote, com bons modos, de que, naquêles trajas não deveria vir á greja.

A consequencia não se fez esperar. Chamou o fazendeiro capangas («caceteiros, diriamos nós em Portugal») para vingar a afronta do padre. A's 10 horas mandou chamar este, dizendo que estava á morte e desejava confessar-se.

O sacerdote, em vista do que se déra, poucos dias antes, estava certo de que se tratava de uma cilada, mas lá foi, decidido a sofrer e, quiçá, morrer cumprindo o seu dever.

Ao chegar á fazenda estava o fazendeiro esperando á janela. Logo que o viu correu, meteu-se em cobertas no leito, debaixo do qual estavam os capangas armados. Chega o padre, e recebido com toda a naturalidade, conduzi-o ao quarto do «enfermo» e lá deixado só, para a «comissão».

Chama o doente pelo nome o sacerdote: Nada. Aperta-lhe o pulso. Não encontra pulso. Sapalpa-o: Gelado, como um cadaver. Sacode-o: O homem estava morto. Todo compungido, sai fóra do quarto e: «Cheguei tarde, minha senhora: o nosso amigo está morto!»

O resto da scena é facil imaginar-se. Em conclusão: Entre prantos e exclamações de arrependimento, ali mesmo se atiram aos pés do sacerdote a viuva, a filha, os capangas e fizeram confissão do maldito plano urdido.
 Deus é terrivel em seus castigos».

Piedade de um bom filho

Uma creança, que acabava de fazer a sua primeira comunhão — conta uma revista católica franceza — achava-se bastante desconsolada, porque nem seu pai nem sua mãe iam á missa, apesar das suas reiteradas supplicas para o conseguir. Em face da teimosia dos seus pais o menino resolveu ouvir duas missas na semana por intenção d'elles.

Sua mãe, anciosa por saber a razão das sahidas matinaes do seu filho, seguiu-o um dia, e, ao vel-o sahir da igreja, perguntou-lhe:

—Que vens aqui fazer tanto a miudo?
 —Hontem vim ouvir missa por meu pai, e hoje por minha mãe, respondeu o menino lançando-se-lhe nos braços.

No domingo seguinte o piedoso e bom filho teve a alegria de assistir á missa entre seu pai e sua mãe.

A MINHA PROMESSA

(Impressões de uma peregrina)

Era em fins de outubro passado, num dia em que estava cansada de tanto sofrer, recorri com o coração cheio daquella Fé, em que por momentos a nossa alma parece desprender-se da vida terrestre e elevar-se até Deus, á Virgem Santíssima N.ª S.ª do Rosário da Fátima, implorando-lhe a Sua Divina Misericórdia, em me dar um pouco mais de saúde. Em tão boa hora fiz a minha invocação, á Santíssima Virgem, que, até naquele mesmo momento, quasi podia afirmar ter sido ouvida.

Comecei nessa mesma hora a fazer uma novena, rezando todos os dias o terço em honra de N.ª S.ª do Rosário da Fátima, e bebendo em jejum a Sua agua Abençoada. A seguir a esta novena, e, para complemento da minha devoção, fiz mais outra novena de Missas e Sagradas. Comnhões prometendo ir pessoalmente visitar N.ª S.ª ao local das aparições. Já são passados oito meses e graças á Virgem N.ª S.ª do Rosário da Fátima, tenho passado muito melhor, tenho podido trabalhar, e tenho Fé que assim continuarei protegida pela Graça de Deus e de Nossa Senhora. Fui portanto cumprir a minha promessa e no dia 12 deste mez ás 5 horas da tarde chegava á Cova d'Iria, dirigindo-me logo á Capelinha de N.ª S.ª com muito custo (devido á quantidade de pessoas, que já aquella hora rodeavam a Capelinha) conseguí introduzir-me no alpendre, onde se erguia a Branca Imagem de N.ª S.ª, para prostrada a Seus pés, agradecer-lhe as melhoras que me tem dado, e os demais beneficios dispensados a mim e aos meus e oferecer-lhe como tributo da minha gratidão al-

gumas flôres artificiais e outras naturais, que da minha terra, apesar de longe ali chegaram viçosas. E' que elas sabem o fim com que foram creadas, e ao fim a que se destinavam.

Desejando pois, prestar á Minha Mãe Santíssima mais um preito de homenagem e gratidão peço a V.ª Rev.ª a subida fineza de dar publicidade a estas minhas palavras, no nosso querido jornal a «Voz da Fátima. Aproveito a ocasião para alguma coisa dizer sobre o que ali se passa naquele lugar bendito. O que ali presenciei é indiscritível. Já no dia 12 de tarde o movimento é bastante, continuamente chegam carros de toda a espécie despejando imensas pessoas, e, á medida que a noite se aproxima, o movimento aumenta; centenas de pessoas avidas de saudarem a Augusta Rainha dos Anjos, se dirigem para o vasto planalto, aumentando assim mais e mais a onda humana que no seu ardor de Fé e Crença se prosta de joelhos entoando os seus cânticos em louvor á Mãe de Deus, N.ª S.ª. E' noite, e então um sacerdote no alpendre da Capelinha onde se coloca a Branca Imagem de N.ª S.ª do Rosário da Fátima, convida toda aquela multidão a rezar o terço em honra de N.ª S.ª seguindo-se a chamada Procissão das velas. E' maravilhoso, surpreendente, digno de vêr-se semelhante espectáculo. Milhares de luzes iluminam o vasto planalto, onde os hinos ecoando no espaço os louvores á Virgem, nos comovem, e nos transportam num extase de amor pela bondade infinita da Virgem Mãe de Deus. A procissão é dum comprimento enorme. Toda aquella gente rodeia depois a Capelinha de N.ª S.ª e as suas preces e cânticos continuam toda a noite. Vêem-se imensos penitentes que de rastos empunhando as suas velas, agradecem á Santíssima Virgem N.ª S.ª do Rosário da Fátima a sua Divina Misericórdia. Oh! como tudo isto é bello, e que sublime lição de amor, e Fé para com a Virgem N.ª S.ª! Como nós todos ali devíamos ir porque muito ali tínhamos que aprender. Mas o acto que suplanta todos os outros, o mais comvente, mais impressionante, é quando a branca Imagem de N.ª S.ª do Rosário da Fátima é conduzida procissionalmente da sua Capelinha á Nova Capela para se celebrar a Missa do meio-dia solar, lançar a benção aos enfermos e a benção geral.

Então. Oh! Maravilhas do Senhor! Milhares de lenços se agitam no ar parecendo bandos de pombas brancas saudando a Virgem, nuvens de flores caem sobre a rainha dos Anjos; as palmas, as aclamações, as supplicas, os chôros, atingem as raias do delirio. Os corações mais duros sentir-se-hão sensibilizados, e com certeza que naquele momento muitas almas descrentes do poder da Santíssima Virgem, se hão-de ter convertido.

Em todos os olhos se vêem lágrimas de verdadeiro amor e Crença pela Santíssima Virgem N.ª S.ª do Rosário da Fátima; e Esta na Sua expressão tão linda, tão bela parece olhar para todos e dizer-nos: descançae; tenho sido, sou e serei a Vossa Protectora.

Repito, todos ali devíamos ir para que o nosso amor, Crença, Fé e Confiança pela Virgem N.ª S.ª aumente mais, e possamos ser mais dignos da Sua Misericórdia. Eu sinto saudades dos momentos que passei junto de Nossa Senhora, naquele lugar Sagrado, tendo pena que tão longe eu esteja e não possa ir mais vezes pedir junto de N.ª S.ª do Rosário da Fátima a sua Divina Protecção e Misericórdia para os meus pais, para mim e para toda a humanidade.

Fronteira 16 de Maio de 1927

Rosa Pais Vieira

Uma conversão característica

Um facto digno de ser assignalado é a conversão de um letrado budhista que arrastou tambem ao catolicismo a sua familia.

Esse filho de Sião, (Bangkok), com 40 anos de idade, passou boa parte de sua vida nos pagodes, a estudar a doutrina de Buddha.

Contractado pelos missionarios catolicos como professor da sua lingua natal, não tardou em pedir-lhes um catecismo para ler em casa e explical-o á sua mulher e filhos, como instrucção, mas logo se converteu e pediu maiores instrucções sobre a Fé. Depois de 6 mezes, foi baptizado com os seus.

E todos começaram a frequentar a sagrada mesa da comunhão.

AS CURAS DA FATIMA

Jose Martins da Cunha Viana escreve-nos e diz:

«Ex.mo Sr. Em Agosto passado principiou na minha freguesia de Cardielos, Viana do Castelo, a grassar a febre intestinal, havendo mltissimos casos e sendo atacado da mesma enfermidade duas pessoas de minha familia, uma filha e um menino de 4 anos de idade de nome António da Costa Cunha Viana, o qual estava desenganado pelos médicos de que não escapava. Decorrido algum tempo, quando parecia que ja a melhor, talvez por escuido no regimen alimentar, vomito por algumas vezes, completamente perdido a pontos de um dia, por o umbigo sair grande quantidade de puz extremamente fetido, e em grande quantidade, talvez de 5 ou 6 litros! Tinha pois havido uma rutura intestinal. A creancinha encontrava-se de tal maneira que causava dó, impressionando todas as pessoas que a viam e conheciam tal era a apparencia que apresentava e devido ao cruciante martirio em que se encontrava. Mandei chamar rapidamente o medico assistente, e ao deparar tal caso, disse para mim e demais familia que não havia cura alguma e que estava irremediavelmente perdido e que não encontrava meio na medicina de o salvar, só um milagre o poderia fazer. Eu e minha esposa já iam com quatro dias que tinhamos principiado uma novena a Nossa Senhora de Fátima, para que Ela o melhorasse se por ventura tivesse de ser nosso, mas naquela ocasião, minha esposa e eu com as lágrimas nos olhos e pelas faces abaixo, em vermos tão grande desastre, mais uma vez nos prostramos de joelhos diante da Imagem de Nossa Senhora, que possuimos, e lhe prometemos ir em Maio do corrente ano a Fátima, comungando ambos nesse dia, levando o menino para agradecermos o beneficio e tão grande graça que aquella Nossa Mãe nos tinha dispensado. Este menino encontra-se hoje completamente curado como se prova com atestado médico (devidamente reconhecido) pelo meu medico assistente Sr. Dr. Eduardo Valença.

Nesta data 13 de Maio, me encontro na Cova da Iria com minha esposa e dito menino, aquêle que Nossa Senhora, completamente curou, e aqui bebemos a água das aparições. Esta graça vai ser publicada no jornalzinho «Voz da Fátima» do qual hoje sou e serei sempre assinante».

ATESTADO

Eduardo Valença, doutor em medicina e cirurgia pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto:

Pela minha honra atesto que Antonio da Costa Cunha Viana, de quatro anos de idade, filho de José Martins da Cunha Viana, residente na freguesia de Cardielos, concelho de Viana do Castelo, foi atacado por uma febre tifoide no mês de agosto do ano findo.

Submetido ao regimen e medicação habitual, os três primeiros septenários decorreram sem incidente digno de menção. A seguir, quando a temperatura principiou a descer e eu rareei as minhas visitas, fui um dia chamado apressadamente. As minhas prescrições sobre o regimen alimentar tinham sido desprezadas. O doentinho apresentava uma peritonite generalizada com saída de pus, extremamente fetido, pelo umbigo á menor pressão sobre qualquer ponto do abdomen. Temperatura 35,5, pulso filiforme, estado geral atemorizador. Fiz conhecer á familia o estado desesperado do doente. Para uma intervenção cirurgica era demasiado tarde. Embora descrente de resultados favoraveis, prescrevi a terapeutica aplicada nestes casos. A drenagem do pus continuou a faz-la pelo umbigo durante uma semana aproximadamente. A seguir o umbigo cicatrizou e o estado geral, embora lentamente, começou a melhorar. As orações dos pais tinham sido ouvidas. O doente curou-se completamente.

E por ser verdade e me ser pedido passo o presente atestado que assino.

Viana do Castelo 23 de abril de 1927

(a) **Eduardo Valença**

Francisco Madeira, morador na vila Ribeiro Seabra, n.º 2 r/c, Pedrouços (Lis-

boa), diz o seguinte em carta de 5 de janeiro ultimo:

«Sr. Director da Voz de Fátima

A impressão que sinto neste momento e a pouca cultura de que disponho privamente, bem a meu pesar, de fazer a descrição completa dum caso que V. me permitir que tenha a satisfação de ver publicado neste jornal esperando por isso a sua obsequiosa hospitalidade, que reconhecidamente agradeço.

Em fins de outubro de 1926 adoeceu o meu pobre filhinho Americo da Cruz Madeira, estava a morrer. Chamado o Ex.mo Sr. Dr. Barbosa declarou que a criança tinha principio de meningite mas que ignorava qual delas era visto haver duas qualidades de meningites. Chamei a seguir o Ex.mo Sr. Dr. Carrilho Xavier que examinou a creança e verificou que estava atacada da meningite tuberculosa mas que ainda podia haver duvidas e nesse caso seria melhor mandar á analise. Mandei ao Instituto Camara Pestana confirmando-se o diagnostico. Em virtude disto que acabo de dizer o Ex.mo Sr. Dr. Carrilho Xavier chamou-me de parte e disse-me que em virtude do resultado da analise nada podia fazer e que não tinha outro remedio senão resignar-me com a perda daquele filho pois que não havia cura possivel, que a creança estava perdida e o mais que podia durar seriam duas semanas. O seu estado geral era desolador, a sua magreza e enfraquecimento eram grandes, a ponto de não poder abrir



Américo da Cruz Madeira

a boca para tomar qualquer alimento. Sem energia alguma, melancolico e indifferente a tudo que o rodeava, os olhos sem brilho e uma febre ardente, letargia parecia um pequeno cadaver que se encontrava no leito da dôr. A mãe soleita e vigilante, dilacerada pelo sofrimento que só as verdadeiras mães sabem sentir, preparava-se resignada para receber a punhalada pungente do desaparecimento do filho querido e idolatrado, quando por intermédio duma menina das nossas relações (Julia Marques Morgado) que, abeirando-se do leito do pequenino doente, lhe ministrou umas pequenas gotas de agua de Fátima da qual a mesma menina se fazia acompanhar. Esta bondosa e devota menina jámais abandonou o pequenino doente e cheia de fé, dessa fé que nunca abandona as almas boas e verdadeiramente crentes, esforçou-se para incutir em nós a esperança nas melhoras. Decorridas 48 horas o pequenino deu sinais de vida e no dia seguinte pediu de comer. Hoje a creança está completamente curada: No entanto ela, já não via nada, não falava, e a mãe já tinha até tudo preparado para a amortalhar. A creança foi depois ao medico e este ficou admirado. Disse que estava completamente curada e que foi um milagre muito grande».

ATESTADO

Gilberto Carrilho Xavier, medico-cirurgião pela Faculdade de Medicina de Lisboa atesto que Americo da Cruz Madeira, filho de Francisco Madeira, foi por mim tratado de meningite, tendo por mim sido considerado, a certa altura da doença, como incuravel. Mais atesto que, quando os sintomas se tornaram de tal forma alarmantes que era de esperar a breve

trecho, um desenlace fatal, á marcha da doença se modificou por completo em menos de 24 horas, tendo o doente melhorado rapidamente e encontrando-se hoje completamente curado. Por ser verdade e me ser pedido faço o presente atestado que confirmo sob minha responsabilidade profissional.

Lisboa 12 de março de 1927

(a) **Gilberto Carrilho Xavier**

Felicidade Vanzeler, da Póvoa de Varzim escreve em 27 de março:

«Tendo minha familia no Porto durante a revolução e encontrando-se em situação critica recorri fervorosamente a Nossa Senhora da Fátima para que intervisse salvando-a do perigo, prometendo publicar esta grande graça se me ouvisse.

Fui atendida e por isso com o coração cheio de fé e de reconhecimento á SS. Virgem agradeço-lhe esta grande graça bem como uma outra concedida na mesma ocasião.»

Vital da Costa Delgado, travessa da trabuqueta 38-r/c-Lisboa freguesia d'Alcantara encontrando-se gravemente doente, sua familia recorreu á protecção de N. S. do Rosario da Fátima, a qual lhe concedeu tão grande graça fazendo uma promessa de 20\$00 para o culto de N. S. de Fátima.

Pedindo a publicação de tão grandioso favor no nosso tão querido jornalzinho»

Maria de Nazareth Gomes Duque, Superiora do Colegio de Santa Theresa de Jesus de Nossa Senhora do Livramento do Rio Grande do sul, no Brasil, onde é já bem conhecida Nossa Senhora da Fátima estando bastante inquieta por uma doença de ouvidos receando ficar surda, fez uma novena a Nossa Senhora de Fátima tocando com uma Imagem de Nossa Senhora no ouvido doente, sentiu-se completamente curada.

Maria das Dores Dias Pinto, da Rua dos Biscainhos, Braga, informa:

«Eu estava gravemente atacada de um mal incuravel, conforme m'ó declararam os médicos que me tratavam, e nem me queriam operar, visto a minha fraqueza ser extrema. Tratava-se duma ulcera uterina e incuravel. Eu soffria imenso, e não tinha um instante de sçoego de dia nem de noite.

Aconselhada por uma minha cunhada que me veio visitar, fiz com meus filhos uma novena a Nossa Senhora da Fátima, e bebi durante a novena agua que ela me trouxe. No fim da novena sentia-me perfeitamente bem, e miraculosamente curada, pelo poder supremo da SS.ma Virgem, podendo hoje fazer todos os meus deveres sem dificuldade alguma.

E' para cumprir o voto que fiz a esta Boa Mãe que desejo que V. Rev.cia se digne publica-lo. Prometi igualmente todos os anos enquanto viva enviar uma esmola conforme minhas posses, e aumentala de ano em ano.»

Benção dos Cruzeiros da via-sacra na estrada de Leiria á Fatima

No dia 26 do corrente mês de junho realisa-se a cerimonia da Benção solene dos Cruzeiros levantados pela piedade dos fiéis na estrada do Reguengo á Fátima.

Ás 5 horas solares da manhã seis e meia officiais, devem estar junto do primeiro cruzeiro as pessoas que quiserem tomar parte nesta cerimonia e lucrar as indulgencias da Via-Sacra.

Em cada cruzeiro haverá uma allocução. Quando se chegar ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima será celebrada a Santa Missa.

Abrigo dos doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	4.972\$50
Alfredo Augusto da Rocha ...	77\$00
Das Florinhas do Mar da Povoá de Varzim... ..	13\$05
Antonio Pinho de Vargas Silva... ..	10\$00
Soma... ..	5.072\$55

VOZ DA FÁTIMA

Despezas

Transporte... ..	67.083\$26
Papel, composição e impressão do n.º 56 (56:000 exemplares)	2.957\$00
Sêlos, expedição, transportes, etc	573\$00
Outras despezas... ..	225\$00
Soma	70.838\$26

Subscrição

(Agosto de 1926)

Enviaram dez escudos: Anonimo da Marinha Grande; D. Clementina da Cunha Esteves, Anonima (J. C.) D. Maria Amelia Borges Garcia, D. Branca Ferreira Marvão, Geraldo Amaral Figueiredo, Dr. João Homem de Figueiredo, José Brigida, Joaquim Pinto Oliveira Baptista, D. Maria Luiza Saavedra de Albuquerque, D. Maria da Conceição Martins, D. Eulália Mendes Cabral, José Bernardo da Silva, Bernardo de Almeida, P.e José Martins Henriques, D. Josefa da Piedade Ferreira D. Maria do Carmo Mendes Cabral, D. Maria dos Santos Pais Mamede, José Cadeira Pinto, Ivo Gonçalves Costa (5\$00), Condessa de Monte Real D. Emilia Maria Parry Pereira, Madame Duarte, D. Emilia Victoria de Jesus, D. Maria José Soares, D. Maria José dos Santos, D. Virginia Gonçalves Pinto, D. Laura Possolo da Costa, D. Teresa de Serpa Pimentel, D. Maria Viana Moreira, Joaquim de Sousa Faria, D. Ana da Conceição Magalhães, António de Sousa Faria, D. Joaquina Pratas Soeiro, D. Ludovina Neves (15\$00), D. Idalina Ramos Martins Pereira, D. Maria Angelina S. Romão Maya d'Albuquerque, D. Maria do Céu Pinto de Abreu e Lima, Manuel Cardoso Sequeira, D. Maria d'Anunciação Fonseca, Manuel Maria Lucio, (20\$00), D. Rosa Olinda da Silveira, Antonio Coelho da Rocha, João José dos Santos, José Camilo Pastor, Joaquim Franco Veloso, D. Maria Izabel Barreiros, D. Francelina da Gloria, D. Maria do Carmo Tavares de Sousa, D. Ismenia Ruela Tavares Sousa, D. Rosa Antonia Valente d'Almeida, Graçinda da Silva Trinta, Maria José Liras, Maria José Leite, Maria do Rosario Tavares Gravata, Maria das Dores Fernandes Rendeiro, D. Maria das Dores Tavares de Sousa, Maria José Vieira (5\$00), Manuel José Fernandes Rendeiro, Leonardo Fernandes Sardo, D. Maria da Conceição Marques Rodrigues, Angelo André de Lima, Antonio Ferreira de Carvalho, D. Maria José de Quintanilha e Mendonça, D. Izabel Gonçalves Caldeira, Manuel da Cal, P.e Joaquim Plácido Pereira, D. Mariana dos Reis, José Guiomar, Luiz de Sousa Aguiar, Luís Cabral Botelho, P.e Asdrubal de Abreu Castelo Branco, Antonio Farinha Gomes, D. Maria Pia S. Osório Andrade, António Maria Duarte, Francisco Pereira, D. Maria Carlota Ferro Murinelo, Jacinta da Trindade Braz, D. Lucrecia Peleção, D. Lucinda Duque, D. Emerenciana Galvão, D. Elvira Casales, Antonio M. Paulino, D. Amelia de Freitas, D. Maria Amelia de Freitas Farpela, D. Maria Izabel Barreiros, D. Francelina da Gloria, D. Leonor Almeida, P.e Gerardo Abilio Gomes Pina, D. Elvira Augusta M. Corte Real, José Maria Ribeiro, D. Olga Nunes Pereira, D. Maria de Jesus Seixas, D. Augusta d'Almeida Ferrão, D. Julia Sá Souto Maior, Antonio Dias Frade, Antonio Francisco Sargaco Novo, P.e Antonio Maciel Barbosa, Manuel Cerqueira do Rego, P.e Adriano Dias Marques, D. Maria José Monteverde de Sousa Lobo Brandão, Antonio Cerqueira Lopes, João Simões, D. Carolina Machado (25\$00), Inocencia de Jesus, Serafim Pinto de Babo, D. Isaura Celeste Branco (30\$00), D. Albertina Totta, D. Maria da Conceição Borges, Antonio Pinto, Pedro Pizarro Cardoso, Maria Gertrudes Gomes, D. Luiza Madalena de Albuquerque, D. Amelia de Almeida Inês, D. Maria José Ferreira, Manuel Duarte dos Santos Gamelas, Salvador dos Santos Barbosa, D. Maria Guichard, D. Cristina Ribeiro Osorio Gouveia, Dr. Antonio Pereira Figueiredo, Joaquina Moreira Nunes, D. Maria Fernanda de Carvalho Leal Avelar, Maria Carolina Caetana, D. Joaquina da Conceição Silva, D. Maria Rosa Dias Quintas, Manuel José Lopes Dias, José Cristovam Ourém, Antonio Emidio Gomes, Silvas Oliveira, D. Maria Deolinda Coutinho Alves, D. Ermelinda Rosa da Conceição.